

MINISTÉRIO DA CIDADANIA E ADELINA INSTITUTO APRESENTAM

MAGMA | LARA VIANA

PERIMETROS 2

ORGANIZAÇÃO E CURADORIA DE MARIO GIOIA

ABERTURA

28.09.19 às 13H

Lara Viana, Sem Título, 2019, óleo sobre madeira, 40x36cm



EM EXPOSIÇÃO ATÉ 02.11.2019

_____ter à sex

_____sábados

10H às 19H _____

10H às 19H _____

Reconstrução e reinvenção. Para Lara Viana, tais operações estão no centro da sua produção, que é apresentada pela primeira vez em mostra individual no Brasil. *Magma* adentra pelas salas expositivas do Adalina Instituto a exhibir nova série de artista baiana que teve os anos de formação e desenvolvimento artístico no Reino Unido – por isso, com referências muito distintas da pintura brasileira –, mas que tem um movimento de retorno, pois Lara agora radicou-se novamente em sua cidade natal, Salvador.

Impossibilidade parece ser outro vetor poético decisivo no obras mínimas que vemos agora em São Paulo. A segunda mostra do projeto *Perímetros* (depois do solo do multifacetado trabalho do brasileiro João Trevisan) centra o interesse então em uma pintura intimista, com camadas de introvertidas, vertida profundamente sobre o que ela já constituiu, porém também dando ao observador – com um apelo menos óbvio e ostensivo – potentes *flashes* de vigor pictórico, entremeados por uma atmosfera enigmática e de tom menor, opaco, quase silencioso.

“Esse processo de desconstrução/reconstrução ou procura/observação às vezes resulta em aspectos mais abstratos ou mais figurativos. Acho que, com frequência, se encontra entre um e outro.”¹ A conceituação da própria artista sobre os dados intersticiais do que faz é relevante para a leitura de uma exposição como *Magma*. Deixe para trás abordagens lineares e excessivamente explicativas, ‘redondas’. Se em séries anteriores, elementos de figuração se manifestam claramente – uma escadaria, uma fonte –, hoje os registros de objetos tridimensionais podem ter sido o ponto de partida de um labor persistente, contínuo e de forte envolvimento no âmbito pictórico, que talvez pela pequena escala demande ainda grande habilidade para um almejado resultado. A densidade do óleo aliada à particular absorção da madeira como superfície da peça traz ainda dificuldades maiores na configuração dessa série ‘de câmara’.

Ou seja, Lara se afasta de empreendimentos que investem em características grandiloquentes, terminativas e utiliza procedimentos que se relacionam com o analógico – se, metaforicamente, atributos como granulação, fisicalidade e permanência destes últimos pudessem ser transportados da linguagem fotográfica para a pictórica, quase como uma reação ao imediatista, desidratado e impositivo digital. “O pensamento também se torna analógico quando é materializado numa forma concreta; quando se transmuta em linhas no papel ou marcas num quadro”², afirma Tacita Dean. “‘Analógico’ sugere um sinal contínuo – um *continuum* e um percurso –, ao passo que ‘digital’ constitui o que está (...) decomposto em milhões de números.”

Por meio de adições, apagamentos, sedimentações, raspagens, cortes e outras ações, a artista lança mão do que a pintura proporciona de singularidade em seus termos. Ao mesmo tempo, a indeterminação, a instabilidade e o tom de impedimento – atentem ao desmanche, à diluição e ao processo de quase decomposição do que na origem seriam duplas, casais – dialogam com a era da fragmentação pós-moderna, de fluxos ininterruptos de tudo o que se pode imaginar, de circulações e velocidades maximizadas, de hegemonias globais.

“Três lascas de tempo. Meu próprio tempo em lascas: um pedaço de memória, essa coisa não escrita que tento ler; um pedaço de presente, aqui, sob meus olhos, sobre a página branca; um pedaço de desejo, a carta a ser escrita, mas para quem?”³, nos interroga Georges Didi-Huberman, nome-chave do contemporâneo. O âmbito vestigial descrito pelo pensador francês ajuda muito ao nos depararmos com o mistério do que é construído por Lara. É como se momentos idealizados, amores eternos, lugares paradisíacos e experimentos utópicos – não à toa um crítico cita a proximidade visual do monumento da Terceira Internacional não realizado de Tatlin, de 1920, com as peças de autoria dela – ganhassem outros destinos. Nesse ponto, poderíamos enveredar por olhares evitados de pessimismo, contudo há distintos pontos de fuga que são perceptíveis. O cromatismo em dourado, amarelo e matérias claras sugere que a paleta de Lara tem se alimentado um pouco mais da sua terra solar. Obviamente, esse ‘tropicalismo’ gera novas fricções plástico-visuais em seu *corpus* de obra, porém é algo bastante peculiar – no Sul mundial, situa-se longe da cegueira algo em branco das paisagens de Reverón ou da simplicidade pau-brasil de pintores cheios de *brasilidade* de épocas diversas, por exemplo. Não à toa, a produção dela tem bom espaço no exterior e ladeia com firmeza importantes nomes atuais, como a britânica Melanie Smith e o sueco Andreas Eriksson, por exemplo (esses dois na coletiva *Málverkasýning*, na í8, em Reykjavík, Islândia, no ano de 2017).

Lara Viana, assim, constrói panoramas que abrigam embates vivos e constantes entre o onírico e o concreto, o imaterial e o matérico, a ideia e a representação. Algo como se os fotogramas – em celuloide, com a própria existência em risco – de David Lynch, surrealistas etc passeassem pelas ruínas barrocas da capital baiana, por entre corredores subterrâneos de edificações históricas ocultos por massas de pedra, por imagens sacras tomadas pela poeira e fuligens temporais sem cor definida, às voltas com os ruídos quase onipresentes da urbe metropolitana. “Busco fazer com que a imagem deixe de ser o que era e se transforme em algo novo”⁴, sintetiza ela, que tem logrado invejáveis resultados por meio de processos também certamente marcantes.

Mario Gioia, setembro de 2019

¹ Entrevista do autor com a artista, feita por e-mail, em agosto de 2019.

² ESPADA, Heloisa, TITAN JR., Samuel (org.). *Tacita Dean – A Medida das Coisas*. Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, 2013, p. 63

³ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Revista *Serrote*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2013, n. 13, p. 100.

⁴ Entrevista do autor com a artista, feita por e-mail, em julho de 2017.

MAGMA

Reconstruction and reinvention. For Lara Viana, these imperatives are in the centre of her practice, presented for the first time in a solo show in Brazil. *Magma* comes to the Adelina Instituto to showcase a new series of paintings by the artist from Bahia, whose art education and development took place in the United Kingdom. The references in her work are so distinct from Brazilian painting – however, they now suggest a movement of returning, since Lara has now moved back to her hometown of Salvador.

Improbability seems to be another decisive poetic aspect in the small works presented in São Paulo. The second edition of the *Perímetros* project (after the exhibition of João Trevisan's multifaceted work) now focuses on panel painting, with layers of introspection, poured delicately on what has already been built, but also offering spectators – with a less obvious and ostensive appeal – powerful flashes of painterly vigour, interspersed by an enigmatic atmosphere with lower hues, opaque, almost silent.

"This process of deconstruction/reconstruction or pursuit/observation sometimes results in more abstract or more figurative aspects. I think that, often, it is between one or the other."¹ The artist's own concept on the interstitial elements of what she creates is relevant for understanding an exhibition like *Magma*. Leave overly-didactic approaches behind. If in earlier series, figurative elements are clearly present – stairs or fountains, for example – today, documenting three-dimensional objects may have been the point of departure of a persistent, continuous and strongly engaged development into the pictorial realm, which, possibly due to the small scale, demands an even greater ability to reach the desired result. The density of the oil paint associated with the specific way wood absorbs it brings about even greater difficulties for creating this "chamber" series.

That is, Lara moves away from endeavours that advance into grandiloquent and definitive features, using procedures that relate to analogue images – if, metaphorically, attributes such as granulation, physicality and continuity could be transferred from the photographic language into painting, almost as a reaction to the immediacy of the dry and authoritative digital medium. "Thoughts also become analogue when they are materialised; when transmuted into lines on a paper or marks on a picture"², states Tacita Dean. " 'Analogue' suggests a continuous signal – a *continuum* and a trajectory –, whereas the 'digital' constitutes what is (...) decomposed into millions of numbers."

Through adding, erasing, depositing sediment, scraping, cutting and other actions, the artist employs that which is singular about painting. At the same time, the openness, instability and the suggestion of impediment – not the dissolving, dilution and the process of decomposition of what originally were pairs, couples – relate to the post-modern era of fragmentation, of uninterrupted flows of anything you can imagine, of maximised circulation and speed, of global hegemonies.

"Three slivers of time. My own time in slivers: a piece of memory, this unwritten thing that I try to read; a piece of present, here, under my eyes, on the white page; a piece of desire, a letter to be written, but to whom?"³, asks Georges Didi-Huberman, a key thinker in contemporary times. The vestigial realm described by the French thinker helps us when we are faced with the mystery of what Lara builds. It is as if idealised moments, eternal loves, paradisiacal places and utopian experiments – not by chance a critic associates the visual proximity of Tatlin's 1920 unrealised monument to the Third International and her production – gained new destinies. At this point, we could go down pessimistic perspectives, but there are different points of escape that are visible. The golden, yellow and clear tonality suggests that Lara's palette has been fed by her native land. Obviously, this "tropicalism" creates new visual frictions with her *oeuvre*, something very peculiar: in the global south, it is far from blindness something in white from the landscapes of Reverón or the simplicity of the pau-brasil from painters filled with *Brazilian-ness* of different times. It is no coincidence that her work has a solid international standing, orbiting important names such as Melanie Smith and Andreas Eriksson, for example (both presented in the *Málverkasýning* collective show held at i8, in Reykjavík, Iceland, in 2017).

Lara Viana builds panoramas that encompass living and constant battles between dreamlike states, the material and concrete matter, idea and representation. Something like David Lynch's surrealistic photograms – on celluloid, with its own existence in risk – passed through the baroque ruins of the capital of Bahia, through underground corridors of historical buildings hidden by masses of stone, dusty sacred images, around omnipresent sounds from the city. "I try to make the image not be what it once was but become something new"⁴, she states, having reached enviable results through equally striking processes.

Mario Gioia, September 2019

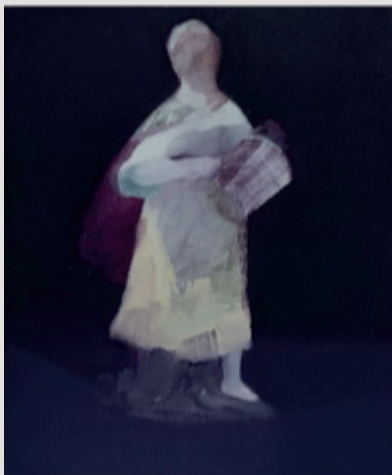
¹ Interview with the artist, via e-mail, on August 2019.

² ESPADA, Heloisa, TITAN JR., Samuel (org.). *Tacita Dean – A Medida das Coisas*. Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, 2013, p. 63

³ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Revista *Serrote*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2013, n. 13, p. 100.

⁴ Interview with the artist, via e-mail, on July 2017.

Lara Viana. Sem título, 2019, óleo sobre madeira, 30 x 25 cm



Magma - Lara Viana
Perímetros 2

28.09 a 02.11.2019

organização e curadoria
Mario Gioia

produção
Bruna Sizilio

montagem
Matias Picón

**identidade visual e
assessoria de imprensa**
Tuagência

tradução
Julia Lima

Adelina Instituto

direção
Fabio Luchetti

administração e financeiro
Laura Arbex

educativo
Gabriela Conceição
Rodrigo Silva

administrativo
Amanda Madeu

motorista e serviços gerais
Joel Almeida

Adelina Instituto
Rua Cardoso de Almeida, 1285, Perdizes, São Paulo/SP
+55 11 3868 0050 | www.adelina.org.br

APOIO



Ministério da
CULTURA



TOKIO MARINE
SEGURADORA

Localiza Hertz

REALIZAÇÃO

Adelina
Instituto

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL